
Discurso e comunicação de um processo transnacional: a imigração venezuelana para o Brasil¹

Camila ESCUDERO²

Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, SP

RESUMO

O presente artigo tem o objetivo de verificar em reportagens jornalísticas sobre a imigração internacional envolvendo América Latina e Brasil – com recorte para a atual chegada de venezuelanos via Roraima –, elementos temáticos discursivos que compõem a comunicação sobre a localização geográfica e temporal do sujeito migrante, bem como sua identificação: ‘aqui’ e ‘lá’; ‘presente’, ‘passado’ e ‘futuro’; ‘nós’, ‘eles’ e ‘o outro’. A proposta está embasada no conceito de transnacionalismo indicado por Schiller (2010; 2012) e Vertovec (1999; 2009). A partir de Análise Temática, identificamos no *corpus* sete componentes comuns – Ruptura; Vínculos; Origem e destino; Regulamentação; Vida local; Os imigrantes; e Solidariedade – que apontam para a necessidade de se questionar, via discurso, a visão de estado-nação como forma “natural” de organização política e social, o mito da homogeneidade e a visão da imigração como algo externo à sociedade e um problema a ser solucionado.

PALAVRAS-CHAVE: Imigração; Comunicação; Transnacionalismo; Discurso jornalístico; Venezuelanos no Brasil.

Introdução

A temática da imigração/emigração envolvendo os países do mundo compõe um discurso constante na mídia. Com diferentes abordagens voltadas, principalmente, para questões econômicas e de relações internacionais, os processos de deslocamentos humanos relatados pelos veículos de comunicação são capazes de registrar – ainda que haja recortes ideológicos e de outros interesses – a realidade subjetiva dos envolvidos em um macro contexto sociopolítico que revela, entre outros, conhecimentos de ordem das relações humanas, das organizações sociais e das identidades.

¹ Trabalho apresentado no GP Geografias da Comunicação, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutora em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Docente pesquisadora do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Metodista de São Paulo. E-mail: camila.escudero@metodista.br.

O Brasil não está fora desse cenário, sendo reconhecida a publicação de farto material sobre imigração na imprensa do país ao longo do tempo. O chamado período da “grande corrente migratória em massa” do século XIX para o XX – quando entraram no Brasil cerca de 4,5 milhões de estrangeiros vindos da Europa, Japão e países árabes, principalmente; a onda emigratória de brasileiros para Estados Unidos, Europa e Japão nos anos 1980 (conhecidos como década perdida); e, mais recentemente, na virada do século XX para o XXI, a recepção de pessoas de origem latina (bolivianos, haitianos, venezuelanos etc.) devido a rearticulações do país com a reestruturação econômica mundial são algumas das pautas jornalísticas mais conhecidas.

Nesse sentido, o presente artigo tem o objetivo de verificar, nos textos jornalísticos contemporâneos sobre a imigração internacional envolvendo América Latina e Brasil – com recorte para a atual chegada de venezuelanos via Roraima –, a apreciação de temáticas discursivas que remetem à localização geográfica e temporal do sujeito imigrante, bem como sua identificação: ‘aqui’ e ‘lá’; ‘presente’, ‘passado’ e ‘futuro’; ‘nós’, ‘eles’ e ‘o outro’. A proposta não é aleatória. Está embasada no conceito de transnacionalismo – um recurso teórico metodológico que vem sendo utilizado no campo dos estudos migratórios para criticar o chamado “nacionalismo metodológico”. Questiona a visão de estado-nação como forma “natural” e necessária de organização política e social, discorda do mito da homogeneidade (reforçado pela ideia da origem nacional e/ou étnica comum) e põe em cheque a visão da imigração como algo externo à sociedade e um problema a ser solucionado. Além disso, situa-se no campo da Comunicação Social, interdisciplinar, por natureza³.

Para atingir o objetivo descrito acima, propomos uma Análise Temática (AT), baseada em Braun e Clarke (2006). De acordo com as autoras, trata-se de um recurso oriundo da Psicologia e muito utilizado em abordagens qualitativas, para identificar, analisar e relatar padrões, ou seja, temas, dentro de dados colhidos empiricamente. Ela minimamente organiza e descreve o conjunto de dados em detalhes, além de interpretar aspectos do tema de pesquisa. Em outras palavras: envolve a busca através de um conjunto de dados para encontrar padrões repetidos de significados, no caso, discursivos. (Braun; Clarke, 2006, p. 5 – Tradução nossa).

³ Os recursos teóricos-metodológicos utilizados neste artigo fazem parte de uma pesquisa mais ampla, intitulada *A natureza das experiências e dos contextos de práticas midiáticas envolvendo imigrantes na cidade de São Paulo*, que vem sendo desenvolvida pela autora desde o início de 2019 com auxílio da Fapesp e CNPQ.

Nosso *corpus* de pesquisa são reportagens jornalísticas produzidas pelos portais noticiosos G1, Estadão, UOL⁴, veiculadas em 2018 sobre a chegada de venezuelanos a Roraima, que “fogem” da crise econômica e política que assola o país vizinho, presidido por Nicolás Maduro (empossado presidente em 2013), e chegam ao Brasil em busca de melhores condições de vida. Consideradas reportagens especiais multimídia, foram estruturadas em texto, vídeo e foto (fundamentalmente) a partir da apuração dos repórteres desses veículos *in loco*, ou seja, de jornalista que viajaram até a capital Boa Vista para “apurar” o fato.

O conceito de transnacionalismo e sua inserção nos estudos migratórios

É possível dizer que a partir do debate sobre integração, assimilação e até mesmo globalização, surgiu uma nova perspectiva que considera a multiplicidade de identidades, redes e organizações fluidas e constituídas dentro de uma relação espaço e tempo, passando a ser frequentes dentro dos estudos migratórios os termos: espaços transnacionais (Faist, 2000; Pries, 2008), campos sociais transnacionais (Basch; Schiller; Szanton-Blanc, 1992; 1995); espaço pós-colonial (Chakrabarty, 2000) e, mais recentemente, espaço cosmopolita (Beck; Grande, 2010). Resumidamente, são abordagens que propõem, cada uma com suas particularidades, uma definição alternativa para unidades de análises gerais estabelecidas com a finalidade de pensar sobre entidades territorializadas e desterritorializadas, bem como nacionalizadas e cosmopolitas ao mesmo tempo.

Aprofundaremos, neste trabalho, especificamente, a proposta de Schiller (2010; 2012) e Vertovec (1999; 2009) sobre transnacionalismo que, acreditamos, dar uma base sólida para a redefinição e reinterpretação dos múltiplos laços e interações entre pessoas e instituições através das fronteiras dos estados-nação.

Apesar de ser um conceito até então novo no campo dos estudos migratórios, o termo “transnacional” já vinha sendo usado, ao longo dos anos, para descrever corporações que têm a maioria de suas operações financeiras em mais de um país e uma significativa presença organizacional em vários países, simultaneamente. “Em 1986, por

⁴ Portais jornalísticos que figuram entre os mais acessados no Brasil, segundo o ranking ALEXA, criado pela Amazon e atualizado a cada três meses. Fonte: <https://www.alexa.com/topsites/countries/BR>. Acesso em 23 Jul. 2018.

exemplo, a *American Academy of Political and Social Science* empregou o termo como o tema principal de uma conferência pública intitulada *From foreign workers to settlers? – Transnational migration and the emergence of a new minority*” (Basch; Blanc-Szanton; Schiller, 1992, p. 01).

Dessa maneira, segundo Basch, Blanc-Szanton e Schiller (1992), entende-se que, agora, um novo tipo de população imigrante está emergindo, conectada a partir de redes, atividades e parceiros que envolvem suas vidas do local de origem e do local de acolhida em um único campo social. Isso é o transnacionalismo, processo pelo qual é construído um campo social que une o país de origem e o país de destino. Para as autoras, nesse campo, os imigrantes desenvolvem e mantêm múltiplas relações – familiares, econômicas, sociais, organizacionais, religiosas e políticas – para além das fronteiras. Ou ainda: tomam ações, decisões, preocupam-se, e desenvolvem identidades com as quais formam uma rede de conexão que abrange dois ou mais países.

De acordo com Vertovec (2009), desde o início dos anos 1990, a perspectiva transnacional tem sido usada como uma ferramenta de análise para tornar visível o aumento e a intensidade de fluxos de pessoas, bens, informações e símbolos desencadeados por processos migratórios. Assim, o autor explicita alguns tópicos que o uso do conceito trouxe de novidade para o campo migratório, entre eles, o apoio e a contribuição, simultaneamente, para o entendimento de outros processos de globalização cultural, econômica, política e tecnológica.

Transnacionalismo descreve uma condição em que, apesar das grandes distâncias e não obstante a presença de fronteiras internacionais (e todas as disposições legislativas, regulamentares e narrativas nacionais que essas representam), certos tipos de relacionamentos foram globalmente intensificados e agora têm lugar paradoxalmente em um planeta expandido – no entanto virtual – na arena da atividade (Vertovec, 2009, p. 3 – Tradução nossa).

Dessa maneira, podemos afirmar que o termo transnacionalismo permitiu a construção de um quadro conceitual que envolveu as relações sociais, culturais, políticas e econômicas do migrante num contexto global e em um campo social. Muito mais que isso, Schiller (2012) chega a afirmar que, após um intenso debate, hoje já é possível reconhecer uma mudança de paradigma sobre novas formas de organização social e experiências. “O novo paradigma, por sua vez, molda a forma de pensar dos estudiosos sobre a extensão e a natureza das transformações sociais atuais e as suas

semelhanças e diferenças a partir de conjecturas históricas passadas” (Schiller, 2012, p. 24 – Tradução nossa).

Na prática, a partir dos anos de 1990 – período considerado como o “boom” dos estudos migratórios –, verifica-se que o deslocamento de pessoas e grupos começa a ser estudado como uma estratégia de sobrevivência, especialmente, dentro de cadeias globais de produção. Estas costumam relacionar movimentos internos com externos, bem como o vínculo entre essas duas realidades, indicando que não há pontos exatos de partida e de chegada. A imigração não é um movimento definitivo, assim como a família não é só uma unidade econômica.

Hoje (anos 2000), o que vemos é uma sofisticação dos estudos migratórios e intensificação de análises dos mais variados temas. Alguns deles: fronteiras simbólicas *versus* fronteiras geopolíticas, construção social de pertencimento e identidade, resurgimento do conceito de comunidade, minorias (étnicas) e agentes sociais (especialmente no caso sobre organizações de imigrantes), remessas financeiras, culturais e desenvolvimento, políticas migratórias, cidadania, migração laboral, de gênero e de retorno, deslocamento interno e externo por violência (deportados, refugiados etc.), entre muitos outros.

Epistemologicamente, os estudos transnacionais têm se mostrado um avanço no campo migratório. Entretanto, sempre há críticas. O próprio Vertovec (2009, p. 16-17 – Tradução nossa) reconhece que, entre outros fatores, o termo tem sido usado como sinônimo de “internacional”, “multinacional”, “global” e “diaspórico”, além da tendência de sugerir que todos os migrantes se envolvem com o transnacionalismo.

Conteúdo jornalístico e migratório: uma descrição dos dados obtidos pela AT

Identificamos no *corpus* analisado – reportagens especiais publicadas em portais de notícias brasileiros que tratam da chegada dos imigrantes venezuelanos em Roraima – sete temáticas discursivas principais e comuns: 1. Ruptura; 2. Vínculos; 3. Origem e destino; 4. Regulamentação; 5. Vida local; 6. Os imigrantes; 7. Solidariedade.

Tal classificação vai em direção ao que Braun e Clarke (2006) classificam como Análise Temática “latente” ou “interpretativa”. Ou seja, trata-se de uma análise para além do conteúdo semântico dos dados, que identifica ou examina as ideias, suposições

e conceitualizações subjacentes que são teorizados como formatação ou informação do conteúdo semântico dos dados.

Denominamos o primeiro tema discursivo de “Ruptura”. Isso significa, em um primeiro momento, que nos textos estudados, o ato de migrar é uma fuga, isto é, uma estratégia de sobrevivência: muito mais que saindo de um território, o sujeito está fugindo de uma situação desesperadora, seja ela causada por fome, crise política e econômica, escassez de remédio, entre outra. Nesse sentido, são comuns frases como “Eles contam porque, afinal, estão fugindo para o Brasil” (UOL, 2018).

Essa fuga, em um segundo momento, está relacionada a uma ideia de ruptura e abandono para com tudo que o sujeito imigrante deixou para trás. Assim, são comuns nos textos frases do tipo: “Mesmo assim, eles [os imigrantes venezuelanos] são unânimes: não querem voltar para a terra natal” (...) “É também uma luta para manter viva a esperança de ter um futuro melhor, deixando para trás definitivamente as lembranças da fome e do desespero” (G1, 2018) e “Desta vez, os venezuelanos, em sua maioria, chegaram para ficar em Boa Vista. Não mostram intenção de deixar a cidade, muito menos de voltar” (UOL, 2018).

Curiosamente, apesar de esse discurso veemente de ruptura, o contato com o país de origem aparece no tema discursivo classificado como “Vínculos”. Ele compreende dois quadros. O primeiro refere-se às remessas financeiras – ainda que o texto aponte para a impossibilidade de retorno, a preocupação com quem não pode “fugir” é inevitável. Por exemplo:

O dinheiro que ganha é para garantir a sobrevivência dela e do filho de 16 anos e também para ajudar a mãe e a irmã, diagnosticada com câncer, que ainda moram na Venezuela (G1, 2018).

Silvia (nome fictício), de 24 anos, viajou da Venezuela para o Brasil no mês passado em busca de um emprego e de uma fonte de renda que permitisse a ela enviar dinheiro à família. (...) ‘A verdade é que me sinto horrível fazendo isso, mas quando vejo que aquele dinheiro vai comprar comida para o meu filho na Venezuela, a sensação é um pouco melhor’, conclui Jessica [imigrante venezuelana que, sem emprego no Brasil, passou a se prostituir] (ESTADÃO, 2018).

O segundo quadro inclui a questão dos símbolos identitários – mesmo que a situação do deslocamento seja difícil, os sujeitos “carregam” o país dentro de si, por

meio de objetos simbólicos, como a bandeira do país de origem, música ou o próprio idioma.

(...) as ruas, um dos principais pontos de aglomeração dos venezuelanos é uma praça na zona Sul da capital. O local abriga hoje pelo menos 300 pessoas e carrega o nome de Simón Bolívar - líder militar que lutou pela libertação da América Latina do domínio espanhol. (...) No local, há um busto de Simon Bolívar, que os imigrantes dizem ser fonte de proteção - e orgulho - para todos que ali vivem. (...) ‘Para nós, Simon Bolívar representa liberdade, igualdade social. (...) Hoje estamos aqui refugiados na praça. Ela é como se fosse o nosso território venezuelano aqui no Brasil, sentimos que podemos estar nela porque ele também está e nos protege’, diz Kelly Gomez, de 29 anos, formada em administração e recém-chegada ao país (G1, 2018).

Na pequena favela que se formou no abrigo, um barraco improvisado e frágil chama a atenção. (...) Logo na entrada, uma bandeira da Venezuela relembra de onde todos vieram (G1, 2018).

Ao som de salsa e reggaeton, o cabeleireiro venezuelano Leonardo Vivas, de 27 anos, corta o cabelo de um conterrâneo em uma barbearia improvisada montada na calçada (ESTADÃO, 2018).

Essa polarização entre os territórios de partida e chegada compõem outro tema discursivo – classificado aqui como “Origem e destino” – verificado devido às recorrentes comparações entre a vida do imigrante na Venezuela e sua realidade no Brasil. No primeiro caso, a tônica é a condição de vida que o sujeito tinha antes do deslocamento (estudo, profissão, bens materiais como casa, carro etc.) e a que passou a ter depois, ainda que as dificuldades permaneçam. Alguns exemplos:

Aqui pelo menos a gente vive um pouco melhor do que na Venezuela. ‘Lá não tem comida, remédios, fraldas’, disse a imigrante (ESTADÃO, 2018).

‘A vida nas ruas do Brasil ainda é melhor do que continuar na Venezuela, porque aqui tem comida’, diz Luiz Gonzalez, de 36 anos (G1, 2018).

Outro tema discursivo identificado é o que classificamos como “Regulamentação”. Nele estão as questões das fronteiras claramente delimitadas, com a ênfase na divisão do território e demarcações de áreas formais. Por exemplo:

[muitos imigrantes venezuelanos] decidem no auge do desespero caminhar e contar com a sorte de conseguir carona para percorrer os 218 km da BR-174 que separam Pacaraima e Boa Vista (G1, 2018).

A governadora de Roraima, Suely Campos (PP), se encontrou na quinta-feira com a ministra Rosa Weber, do Supremo Tribunal Federal (STF), relatora da ação em que o Estado pede o fechamento temporário da fronteira (ESTADÃO, 2018).

A mesma temática discursiva compreende ainda o aspecto das políticas migratórias (nacionais e internacionais). São constantes no *corpus* analisado as menções sobre números de pedidos de refúgio, de residência temporária, de como funcionam as leis trabalhistas brasileiras para imigrantes, o papel da Polícia Federal (no Brasil), entre outros.

O que mais chama a atenção nos temas discursivos tratados pela reportagem é a indicação da imigração como um problema. Nesse sentido consideramos o tema “Vida local”, que trata do cotidiano da localidade receptora, que se transformou, segundo os textos, “para pior”, com a chegada dos imigrantes. No intuito de informar o leitor sobre o fato, todos os textos indicam para o caos que se tornou na cidade de Boa Vista (capital de Roraima), desde a instalação dos venezuelanos. Assim, expressões como “invadiram”, “horror”, “problemas”, “bomba relógio”, além da ideia de que os estrangeiros estão acabando com tudo, superlotando os abrigos, sobrecarregando o sistema de saúde e educação, se beneficiando de projetos sociais, entre outros, são explícitas. Alguns exemplos:

Os venezuelanos invadiram Roraima. (...) É uma bomba relógio que está longe dos holofotes (UOL, 2018).

A imigração impacta ainda os serviços de saúde e educação, que estão sobrecarregados, segundo as autoridades locais.(...) O número de imigrantes que estão em Boa Vista também é refletido nas escolas da capital. (...) Além disso, só no ano passado, quase 300 famílias venezuelanas receberam o auxílio Bolsa Família na cidade (equivalente a 1% dos 24 mil beneficiários do programa em Boa Vista). (...) A imigração é sentida em vários setores. Em 2016, o estado decretou emergência na Saúde, alegando que unidades de saúde de Boa Vista e de Pacaraima estavam sobrecarregadas com os atendimentos a venezuelanos. (...) Um ano depois, no final de 2017, o governo voltou a decretar emergência em razão da crise imigratória, mas dessa vez o alerta também foi para as secretarias de Saúde, Trabalho e Bem Estar Social, Justiça e Cidadania e Comunicação (G1, 2018).

Boa Vista vive problemas de metrópole (...) Município pacato de 332 mil habitantes, arborizado, com bairros planejados e avenidas amplas,

a capital de Roraima viu essa realidade começar a mudar no ano passado, com a chegada de milhares de venezuelanos que fugiam da crise econômica no país vizinho. (...) Uma minoria também começou a se prostituir ou praticar crimes, trazendo degradação e insegurança a alguns bairros. (...) Outra mudança no mercado de trabalho de Boa Vista trazida pela imigração foi a redução no valor das diárias pagas a profissionais autônomos. Com muita mão de obra barata disponível, empregadores estão oferecendo condições precárias de trabalho (ESTADÃO, 2018).

Ainda dentro da temática discursiva “Vida local”, encontra-se a reação da população do território de acolhida frente aos estrangeiros e à situação como um todo. Há ênfase na tensão, no medo, na xenofobia, e na questão da alteridade – “as pessoas não estão sabendo lidar ou se colocar no lugar do outro” (G1, 2018), conforme ilustram os trechos:

Um dos fatores que colabora para o acirramento da xenofobia é o registro de crimes envolvendo vítimas ou infratores venezuelanos. (...) Já em 2017, quando houve recorde nos pedidos de refúgio, um salto. Foram 56 crimes cometidos por venezuelanos, e 119 tendo os estrangeiros como vítimas (G1, 2018).

Ao mesmo tempo, os comércios vizinhos à praça passaram a impedir o uso do vaso sanitário aos imigrantes ou cobrar até R\$ 3 para cada utilização. Também fecharam o registro das torneiras para que os venezuelanos não peguem água para tomar banho ou lavar roupas. (...) ‘Tem mulher venezuelana que faz sexo ao ar livre, tem tráfico de drogas. Minha mulher e minhas filhas não podem sair na rua porque são confundidas com prostitutas. (...), diz um servidor público de 48 anos que mora no bairro há 12 (ESTADÃO, 2018).

O tema discursivo que denominamos “Os imigrantes” foi o mesmo que consideramos o mais “agressivo” verificado no *corpus*. Reúne referências ao comportamento dos recém-chegados, na maioria das vezes, fazendo alusão a comportamentos reconhecidos de animais. São frases do tipo: “Famintos, eles devoram o alimento doado e depois se deitam no chão para dormir” (G1, 2018); “Alguns buscam comida no lixo” (G1, 2018); “Imigrantes venezuelanos disputam até restos de comida em Roraima” (ESTADÃO, 2018); “Diante da situação, os venezuelanos procuram matagais próximos para urinar ou defecar e andam mais de dois quilômetros até o Rio Branco para tomar banho ou lavar roupas e rios sujos ao lado de animais mortos (ESTADÃO, 2018); “No local, onde centenas de redes e barracas disputam espaço, crianças brincam em um

terreno de terra com sujeira e restos de alimentos” (ESTADÃO, 2018); “O ambiente do ginásio era tão insalubre que, de cada dois venezuelanos que eu conhecia, um tinha as manchas vermelhas características da sarna”(UOL, 2018); e “Mas a ideia de que pedaços de ossos poderiam ser entregues para os venezuelanos puxarem o resto de carne ‘e juntar no arroz’ foi o suficiente para escutar ‘não somos perros (cachorros)’ de muitos imigrantes” (UOL, 2018).

Por fim, a última temática discursiva identificada é “Solidariedade”, seja por parte de Organizações da Sociedade Civil (OSCs) e igrejas, seja entre os próprios imigrantes e suas redes sociais. São frequentes os trechos nos textos nos quais imigrantes relatam que encontram contêrrâneos pelo caminho (quando fazem o trajeto a pé, por exemplo) ou no próprio abrigo onde estão instalados e dividem “o pouco que tem” (G1, 2018). Ou ainda se juntam na prática chamada “aluguel solidário”, quando várias famílias moram num mesmo imóvel, repartindo entre si os custos com locação, água, luz etc. O trecho abaixo remete à atuação de organizações no local.

Por 30 dias, trabalhei como voluntário e jornalista independente no ginásio Tancredão, onde dei aulas de português de segunda a sexta-feira com o auxílio de uma igreja adventista local, que me emprestou telão, microfone e cadeiras. (...) Organizamos e colocamos para funcionar ações médicas de forma independente, com apoio de estudantes de medicina da Universidade Estadual de Roraima. (...) Com a associação Fraternidade Sem Fronteiras, doamos madeira e contratamos dois venezuelanos para o trabalho de carpintaria que resultou na produção de 32 mesas e bancos de um novo abrigo, que foi inaugurado pouco antes do Natal (UOL, 2018).

Perspectivas comuns no discurso *versus* visibilidade transnacional no contexto da AL

Sabe-se que na América Latina, especialmente a partir dos anos 2000, há uma intensificação dos fluxos migratórios intrarregionais, com principais volumes sendo registrados em países como Colômbia, Venezuela, Ecuador, México, Haiti, República Dominicana, Nicarágua, Costa Rica e países da América Central, em geral. Esse crescimento é atribuído a questões históricas e processos internos de desenvolvimento e globalização, que envolvem crises políticas e econômicas agudas, securitização das

fronteiras, processos de acumulação capitalista, entre outros (HERRERA; SORENSEN, 2017).

Os números indicam que existem 28,5 milhões de latino-americanos e caribenhos residindo em outros países além de seus nascimentos (4,8% da população total da região), o que representa um aumento de quase 2 milhões e meio de pessoas em relação ao censo anterior (Martínez & Orrego, 2016). Em termos de imigração, ou seja, estrangeiros residentes na América Latina e no Caribe, o número é de 7,5 milhões de pessoas (censos da rodada de 2010), o que equivale a 1,3% da população total de na região, portanto, o número de pessoas que residem em um país diferente daquele em que nasceram praticamente quadruplica o número de migrantes que vivem na América Latina e no Caribe (STEFONI, 2018, p. 13 – Tradução nossa).

Trata-se de uma situação conhecida e contextualizada atualmente como imigrações Sul-Sul, envolvendo o deslocamento de pessoas oriundas de países em desenvolvimento, localizados no Sul global, que costumam demonstrar a heterogeneidade e a complexidade da imigração internacional. Consolidam-se em um processo mais amplo das migrações transnacionais, da mobilidade do capital e da divisão internacional do trabalho. “Refletem e (re)configuram condicionantes que ocorrem fora das fronteiras nacionais, com impactos na conformação da imigração no âmbito de cada país” (BAENINGER, 2018, p. 13).

Tal quadro nos leva a crer – como reforça a perspectiva transnacional – que o campo de estudo migratório não pode estar delimitado nacionalmente, que migração não é apenas deslocamento e que não significa, necessariamente, rupturas – trata-se de um movimento circular, espacial e temporal, simultaneamente, no qual as distâncias geográficas não significam, necessariamente, distâncias afetivas. Além disso, processos migratórios não podem ser vistos como anomalias, ou algo externo à sociedade – na verdade, eles são uma constante na história.

Apesar de a AT aqui organizada compreender veículos distintos com seus gêneros e estilos jornalísticos diversos e particulares, os temas discursivos abordados para tratar o processo migratório de venezuelanos para o Brasil são comuns. Em uma primeira abordagem, poderíamos destacar as tradicionais referências de fronteira, nação, regulamentação, preconceito, vínculos sociais etc., enfatizados por posturas assimilacionistas e nacionalistas.

Porém, justamente como nos indica a perspectiva transnacional, um olhar mais atento nas categorias temáticas identificadas chama a atenção para a rapidez e a intensidade de comunicação entre os países de origem (Venezuela) e de destino (Brasil) que criam múltiplos contextos, nos quais os migrantes no exterior parecem ser cada vez mais intimamente consciente do que está acontecendo nos contextos de origem e vice-versa. Mesmo aqueles que nunca se moveram (no caso estudado, revelado pelo tema Vida local, principalmente), a partir da vivência do deslocamento do outro são fortemente afetados por eventos, valores e práticas ligados transnacionalmente ao exterior.

Lembramos que o território identificado nas reportagens analisadas é uma típica região fronteira nas quais as realidades econômicas, sociais e culturais de Pacaraima e Santa Elena de Uiarén já eram compartilhadas antes da instalação “em massa” dos venezuelanos. Na prática, isso significava, por exemplo, brasileiros abastecendo diariamente seus veículos do lado venezuelano (devido ao baixo preço do combustível), enquanto venezuelanos não só fazendo compras no comércio do Brasil, como se empregando nesses estabelecimentos (LOPES, 2018, p. 111). O que mudou é que agora está em jogo uma estratégia de sobrevivência, especialmente, dentro de cadeias globais de produção.

Nesse sentido, os elementos discursivos identificados compõem uma comunicação não apenas sobre a localização geográfica do sujeito migrante e suas implicações políticas, econômicas, sociais e culturais, Mas, principalmente, trata de uma implicação temporal, na qual a condição de migrante não é o único elemento que determina a identidade pessoal da população de origem estrangeira residente num país. Em qualquer contexto, temos construções subjetivas e sociais intrincadas que revelam pluripertencimentos e múltiplas lealdades, uma vez que atores migrantes não se encontram em “uma ou outra” relação de tempo e espaço, indivíduo e social, mas “tanto em uma como outra”.

Escolher o migrante como tema de uma reportagem, por exemplo, é escolher uma categoria social politicamente dominada e/ou uma temática que cria um problema. Isso demanda uma abordagem cuidadosa e crítica no sentido de incorporar as experiências e trajetórias de vida desses sujeitos não apenas como pauta, mas, sobretudo, como um compromisso ético que se apoia em disposições mais profundas, ligadas, em parte, a uma experiência e a uma trajetória social Sayad (1998).

Considerações finais

O presente artigo buscou mostrar que, apesar do conceito de transnacionalismo compor uma proposição teórica rica e muito difundida atualmente nos estudos migratórios, ele não deve ser interpretado como resultados acabados. Pelo contrário, acreditamos que o essencial nessa discussão é o modo de pensar relacional e a forma de colocar questões e não determinar resultados particulares.

Entendemos que o conceito de transnacionalismo pode sim encobrir certo imperialismo cultural prestes a apropriar-se de elementos das sociedades marginalizadas para reutilizá-las a partir da aceitabilidade das culturas dominantes como nos fala, de certa maneira, Anderson (1993) em seu conceito de “comunidade imaginada”.

Considerando o nacionalismo como artefatos culturais de uma classe particular, a nação pode ser definida – a partir da convergência do capitalismo e da tecnologia sobre a diversidade da linguagem discursiva e comunicacional humana – como uma comunidade política imaginada como inerentemente limitada e soberana. Além disso, considera a manutenção da estrutura e da ordem social do Estado a práticas culturais que utilizam a história como legitimadora das ações e como base para coesão grupal.

Por outro lado, concordamos com Bernd (2004, p. 100-101), que o conceito de transnacionalismo também pode ser “fertilizador” se o entendermos como um “processo de ressimbolização” em que a memória dos objetos se conserva e em que a tensão entre elementos díspares gera novos objetos. Esses, por sua vez, correspondem a tentativas de tradução, inscrição ou participação de um sujeito social de uma origem em outra, coexistindo com dinâmicas interdependentes que se manifestam de acordo com a situação que precisam ser consideradas, incluindo pelo discurso midiático, contextualizada dentro do campo da Comunicação Social e todos os preceitos do Jornalismo que isso implica.

De alguma maneira, a AT realizada neste artigo revelou a dinâmica cotidiana de experiências humanas concretas, conhecidas neste caso por meio do discurso jornalístico, que mostra o sujeito imigrante inserido e participando da vida social, seja no país de origem, seja no de destino ou em outros lugares... Ele é responsável pela criação e manutenção de um reconhecimento que ultrapassa fronteiras nacionais e

sociais, transitando entre um ou mais pertencimentos, ‘*nem daqui nem de lá*’ – que influenciam percepções e realidades de vulnerabilidade e marginalização, mas também de trocas simbólicas e possibilidades de desenvolvimento econômico e social em âmbito local, nacional, internacional e transnacional.

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, B. **Comunidades Imaginadas – Reflexiones sobre el origen y la difusión del nacionalismo**. Ciudad del Mexico: Cultura Libre, 1993.
- BAENINGER, R. Introdução. In: BAENINGER, R; BÓGUS, L. M.; et all. (Orgs.). **Migração Sul-Sul**. Campinas: NEPO/UNICAMP, 2018. p. 13-16.
- BASCH, L.; BLANC-SZANTON, C.; SCHILLER, N. G. Transnationalism – A new analytic framework for understanding migration. *Annals New York Academy of Science*, Vol.645, p.1-24, 1992. Disponível em: <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1749-6632.1992.tb33484.x/abstract>. Acesso em: 23 mar. 2019.
- _____. From Immigrant to Transmigrant: Theorizing Transnational Migration. *Anthropological Quarterly*, vol. 68, n.01, p. 48-63, 1995.
- BECK, U.; GRANDE, E. Varieties of second modernity: the cosmopolitan turn in social and political theory and research. *The British Journal of Sociology*, vol. 61, issue 3, p. 409-443, 2010.
- Bernd, Z. O elogio da criouldade: o conceito de hibridação a partir dos autores francófonos do Caribe. In: Abdala Jr., Benjamin, J. (Org.). **Margens da Cultura: Mestiçagem, hibridismo e outras misturas**. São Paulo: Boitempo, 2004. p. 99-111.
- BRAUN, V; CLARKE, V. Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3 (2), p. 77-101, 2006.
- CHAKRABARTY, D. **Provincializing Europe: Postcolonial Thought and Historical Difference**. Princeton: Princeton University Press, 2000.
- FAIST, T. **The Volume and Dynamics of International Migration and Transnational Social Spaces**. Oxford: Clarendon Press, 2000.
- HERRERA, G; SORENSEN, N. N. Migraciones Internacionales en América Latina: miradas críticas a la producción de un campo de conocimientos. *Iconos*, n. 58, p. 11-36, 2017.

LOPES, C. M. S. Uma janela de oportunidades: a migração venezuelana como fator de desenvolvimento. In: BAENINGER, R.; SILVA, J. C. J. (Orgs.). **Migrações Venezuelanas**. Campinas: NEPO/UNICAMP, 2018. p. 104-125

PRIES, L. Transnational Societal Spaces – Which units of analysis, reference and measurement? In: Pries, L. (Ed.). **Rethinking Transnationalism – The Meso-Link of Organization**. London: Routledge, 2008.

SAYAD, A. *A imigração*. São Paulo: Edusp, 1998.

SCHILLER, N. G. A global perspective on transnational migration: Theorising migration without methodological nationalism. In: Bauböck, R.; Faist, T. (Eds.). **Diaspora and Transnationalism – Concepts, Theories and Methods**. Amsterdam: IMISCOE – Amsterdam University Press, 2010. p. 109-130.

_____. Transnationality, Migrants and Cities: A Comparative Approach. In: Amelina, A.; Nergiz, D. D.; Faist, T.; Schiller, N. G. **Beyond Methodological Nationalism – Research Methodologies for Cross-Border Studies**. New York, London: Routledge, 2012. p. 23-40.

STEFONI, C. **Panorama de la migración internacional en América del Sur**. Série Población y Desarrollo, n. 123. Santiago: Organizações das Nações Unidas / Cepal, 2018.

VERTOVEC, S. Conceiving and Researching Transnationalism. *Ethnic and Racial Studies*, University of Oxford, vol.22, n.2, p. 1-14, 1999.

_____. (2009). *Transnationalism*. New York, London: Routledge.

Matérias analisadas

ESTADÃO (2018). Com imigração venezuelana, Boa Vista vive problemas de metrópole. Disponível em: <https://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,com-imigracao-venezuelana-boa-vista-vive-problemas-de-metropole,70002278524>. Acesso em: 20 jul. 2018.

G1 (2018). Fuga da fome: como a chegada de 40 mil venezuelanos transformou Boa Vista. Acesso em: <https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/fuga-da-fome-como-a-chegada-de-40-mil-venezuelanos-transformou-boa-vista.ghtml>. Acesso em: 20 jul. 2018.

UOL (2018). Fuga para o Brasil: a crise da Venezuela explicadas por imigrantes que tentam sobreviver em Roraima. Disponível em: <https://tab.uol.com.br/crise-venezuela#imagem-1>. Acesso em: 20 jul. 2018.